CENÁRIOS PARA 2012 E A CONFIANÇA DOS EMPRESÁRIOS DA CONSTRUÇÃO

Robson Gonçalves, Ana Maria Castelo e Edney Cielici Dias

A ECONOMIA brasileira tem um grande desafio em 2012. O motivo é conhecido por todos: a crise europeia combinada com a lenta recuperação da economia americana e os efeitos conjugados desses dois fatores nos mercados emergentes. Ao Brasil, cabe o desafio de repetir a fórmula de sucesso expressa pela conjugação de estabilidade com crescimento.

A fórmula, assim enunciada, parece simples, mas representa a síntese de aprendizado do país democratizado, que reformulou o papel do Estado, que promoveu a estabilização e que, por fim, reencontrou a rota do desenvolvimento, expresso como produto do crescimento econômico com inclusão social. Não é herança de um governo específico e, sobretudo, não é pouca coisa.

Esse modelo, fruto de aprendizado acumulativo, foi colocado em xeque em fins de 2008, com a eclosão da crise financeira mundial. Uma concertação de ações dos governos federal com o setor privado pôs em prática com rapidez uma política anticíclica que seria bem-sucedida. O setor da construção, já privilegiado com o PAC, ganhou mais relevo com o Programa Minha Casa, Minha Vida.

As experiências passadas têm o poder de estruturar a confiança e a previsibilidade, elementos vitais das instituições econômicas. O aprendizado recente parece tranquilizar o empresariado, sobretudo o da construção, que passou a identificar no governo um aliado na busca de um bem comum, o desenvolvimento.

Com essa perspectiva, tem-se pela frente um novo *front* anticíclico. Este artigo analisa as perspectivas para o próximo ano com base em projeções e nas avaliações dos empresários. O 2012 mais provável, como será visto, não é um ano ruim e, principalmente, é encarado com confiança pelo setor.

Números revisados

A revisão dos dados das Contas Nacionais, publicada pelo IBGE em novembro, lançou nova luz sobre a dinâmica recente da economia brasileira. A partir dos números definitivos para 2009, foi possível constatar que o investimento produtivo está desempenhando um papel mais importante no crescimento do que se acreditava.

Assim, a despeito da crise internacional, a taxa de investimento foi de 17,9% do PIB, apenas 0,9 ponto percentual abaixo da registrada em 2008 e cerca de 1 ponto percentual acima da estimativa preliminar. Apesar da pequena queda em relação ao ano anterior, a taxa de investimento de 2009 foi a segunda maior da série histórica desde 2000. Esse comportamento do investimento deveu-se, em boa medida, ao bom desempenho da construção civil, setor que reagiu de forma bastante favorável à política anticíclica.

Papel do investimento

Os números definitivos das Contas Nacionais de 2009 também lançam nova luz sobre a dinâmica recente da economia brasileira, com desdobramentos em relação às perspectivas para 2012. Depois do excelente desempenho de 2010, quando registrou crescimento de 7,5%, a taxa de crescimento do PIB brasileiro vem apresentando desaceleração. As estimativas para 2011 indicam uma evolução de aproximadamente 3%. No entanto é possível afirmar que esse crescimento está se aprimorando qualitativamente, em razão do comportamento do investimento.

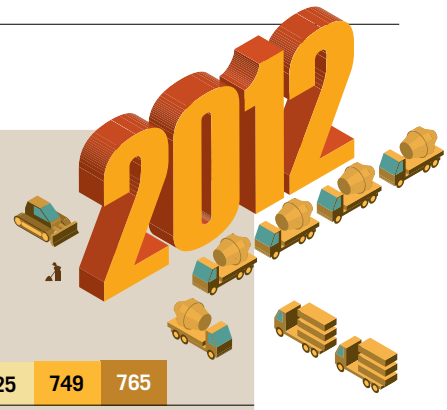
Entre 2010 e 2011, o consumo das famílias teve papel fundamental para sustentar a atividade econômica, tendo crescido quase sempre à frente do PIB, resultado da melhora contínua da distribuição de renda e da alta do nível de emprego. No entanto, um padrão de crescimento baseado no consumo gera desconfianças sobre sua sustentabilidade, especialmente se o investimento produtivo não acompanha esse movimento.

Apesar do sucesso da política econômica em deter os efeitos imediatos da crise internacional, sua ênfase teria recaído excessivamente sobre a demanda. Os primeiros números para o investimento de 2009 reforçavam as críticas feitas à condução da política econômica nesse período recente. No entanto, com os novos números do IBGE, estima-se que a taxa de investimento no Brasil encerre 2011 acima de 20% do PIB, tendo crescido de forma contínua a partir de 2009. Supondo que a economia cresça 3% neste ano, estima-se que o PIB da construção avance 4,8% e a produção de máquinas e equipamentos, 6%. Esses são números bastante favoráveis do ponto de vista da sustentação do crescimento.

Visões de futuro

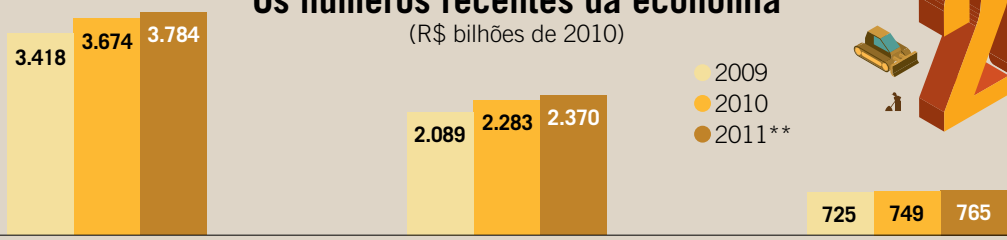
A partir da revisão da trajetória da economia entre 2009 e 2011, foram estimados

3 CENÁRIOS PARA 2012



Os números recentes da economia

(R$ bilhões de 2010)



PIB

O valor do PIB corresponde a toda a renda gerada na economia. Ao mesmo tempo, é uma estimativa do investimento e do gasto total de famílias e governos, incluindo o comércio externo, tudo mensurado em moeda nacional

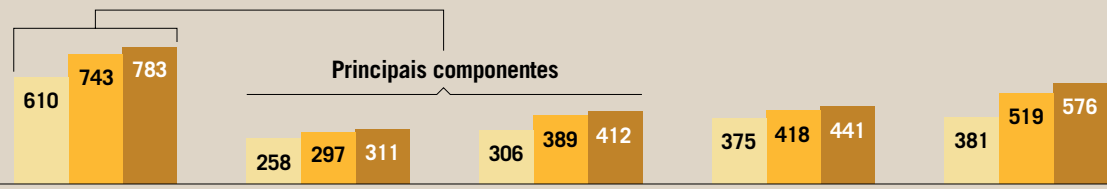
Consumo das famílias

Gastos das famílias com aquisição de bens e serviços de consumo

Gastos correntes do governo

Gastos do governo com pessoal e outros itens de custeio. Também chamado de "consumo do governo"

Principais componentes



Formação bruta de capital

Gastos com aquisição de máquinas, equipamentos, obras de infraestrutura e edificações residenciais e não-residenciais

Construção

Obras de infraestrutura e edificações

Máquinas e equipamentos

Máquinas e equipamentos adquiridos pelas empresas e pelo governo

Exportações de bens e serviços*

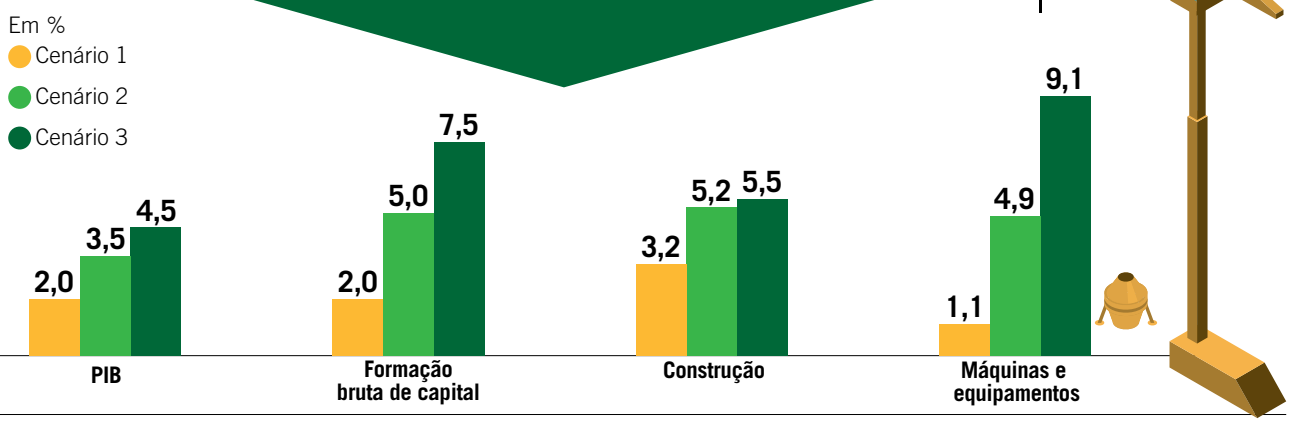
Comércio exterior de mercadorias e serviços como turismo e fretes internacionais

Importações de bens e serviços*

* Valores em moeda nacional ** Projeções

Da análise dos números recentes da economia, projetam-se os cenários para 2012

(taxas de crescimento em relação ao ano anterior)



Cenário 1: simula impactos mais severos da crise internacional. O segmento de máquinas e equipamentos tende a se ressentir mais do que a construção com o menor crescimento da formação de capital

Cenário 2: em princípio, é o mais provável. O investimento cresce à frente do PIB e os componentes da formação de capital evoluem de maneira mais uniforme

Cenário 3: foi construído a partir das projeções do governo federal para a taxa de crescimento do PIB. O segmento de máquinas e equipamentos lidera a expansão do investimento. Mas a construção também cresce forte e à frente do PIB

três cenários para a atividade econômica em 2012. O **Cenário 1** simula efeitos mais severos da crise internacional sobre o país. O **Cenário 2** é o mais provável e tem como marca a consolidação de um padrão de crescimento sustentável. Por fim, o **Cenário 3** assume como hipótese que o PIB terá crescimento de 4,5%, o que corresponde às projeções do governo federal no início de dezembro.

No **Cenário 1**, a taxa de crescimento do PIB desacelera mais, encerrando o ano de 2012 em 2%. O agravamento da incerteza em razão da crise internacional desestimula a formação bruta de capital fixo, acentuando a desaceleração no final do ano. O crescimento do investimento recua de 5,5% em 2011 para 2% em 2012. Como é típico, nesse cenário a produção de máquinas e equipamentos se ressente mais do que a construção civil, que permanece crescendo à frente do PIB. Para evitar a recessão, supõe-se que o governo estimule ainda mais o consumo das famílias e acelere seus gastos com custeio, fazendo com que ambos os componentes cresçam à frente do PIB. Nesse clima menos favorável, a taxa de investimento permanece nos mesmos níveis de 2011, sustentada, em boa medida, pelo desempenho mais favorável da construção.

Tome-se em contraste o **Cenário 3**, em que a taxa de crescimento do PIB é mais favorável, atingindo 4,5%, conforme enunciava o governo no início de dezembro. Embora não estejam disponíveis projeções oficiais detalhadas quanto aos demais componentes da demanda agregada, é possível realizar um exercício de consistência a partir dessa taxa. Assim, o desempenho mais favorável nesse cenário ficaria por conta do investimento, que cresceria 7,5%. A construção civil permaneceria com evolução à frente do PIB. Mas a produção de máquinas e equipamentos teria desempenho ainda maior, ampliando sua fatia no investimento como um todo. Tanto o consumo das famílias quanto os gastos do governo com custeio da máquina administrativa cresceriam menos que o PIB, apesar de apresentarem taxas de expansão acima de 3,5%. A taxa de investimento, nesse cenário, ultrapassaria os 21% do PIB.

No **Cenário 2**, considerado mais factível, o PIB registra crescimento moderado e um pouco acima do verificado em 2011. Assim como no **Cenário 3**, o investimento lidera a expansão, crescendo 5%. Observa-se, ainda, maior equilíbrio entre seus componentes, com a construção e a produção de máquinas e equipamentos crescendo a taxas próximas. Também como no **Cenário 3**, o consumo das famílias e os gastos do governo crescem menos que o PIB. Nessas condições, a taxa de investimento fecharia o ano em 21% do PIB, um pouco abaixo do número relativo ao **Cenário 3**.

A leitura conjunta desses três exercícios permite extrair algumas mensagens. Em primeiro lugar, um padrão de crescimento baseado na demanda torna-se o cenário mais provável apenas em um contexto de agravamento da crise externa, isto é, como resultado de ações de política econômica de caráter anticíclico. Supondo que os efeitos da crise sobre a economia brasileira permaneçam restritos, é possível esperar que, apesar de moderado em comparação ao que ocorreu em 2010, o crescimento torne-se menos dependente de estímulos focados no consumo e, portanto, mais sustentável.

Além disso, nota-se que a construção deverá continuar tendo papel de destaque em 2012. Em todos os três cenários, o PIB do setor cresce à frente do PIB total e, exceto no **Cenário 3**, lidera a expansão do investimento. Em parte, isso se deve à continuidade das obras já em andamento, sobretudo no segmento habitacional. Mas, nos cenários de maior crescimento, sobretudo no **Cenário 3**, derivado a partir da projeção do governo federal para o crescimento do PIB, o bom desempenho da construção deve-se também à aceleração das obras de infraestrutura.

Por fim, tomando como referência as perspectivas dos países europeus e mesmo dos Estados Unidos, a economia brasileira tenderá a se situar comparativamente melhor no cenário mundial.

Sondagens

Como visto, a construção deverá seguir em ritmo superior ao do PIB. A postergação de investimentos por parte das famílias ou das empresas terá, no entanto, impacto nos resultados do próximo ano, o que certamente causa apreensão. Mas incertezas derivadas desse fato não afetam as expectativas dominantes registradas pelas pesquisas realizadas com os empresários do setor. A experiência de 2009, quando a intervenção do governo por meio das medidas anticíclicas se mostrou efetiva para assegurar a continuidade do crescimento da construção reforçam a confiança empresarial. Há as obras do Minha Casa, Minha Vida com parcela expressiva a ser executada, os investimentos em infraestrutura e as obras dos eventos esportivos que deverão aumentar o ritmo em 2012.

Lidas em conjunto, as respostas dos empresários para a **Sondagem da Construção** (**SindusCon-SP-FGV**) refletem com clareza o atual momento vivido pelo setor, ou seja, marcado por um ritmo menor, mas firme, de crescimento. Revelam também algumas inquietações relacionadas ao ritmo de expansão da demanda nos meses à frente, mas mantêm a confiança na sustentação do crescimento.

De acordo com a Sondagem, o indicador de desempenho apresentou piora tanto na comparação com o trimestre anterior quanto no confronto com novembro de 2010. No entanto, o indicador permaneceu no campo do otimismo (isto é, acima de 50). Nas palavras de Eduardo Zaidan, diretor do **SindusCon-SP**, "esse é um padrão natural e esperado de acomodação do sentimento dos empresários da construção". Isso porque, segundo ele, "ninguém imaginava que o ritmo de crescimento registrado em 2010 fosse se manter; estamos apenas menos otimistas, mas a expansão continua, sobretudo no que se refere ao emprego, só que em ritmo menos intenso".

Esse otimismo moderado, resultado de um processo de acomodação no qual a construção está encontrando um ritmo seguro de crescimento, também se reflete no indicador de evolução dos custos, que melhorou sensivelmente em ambas as bases de comparação.

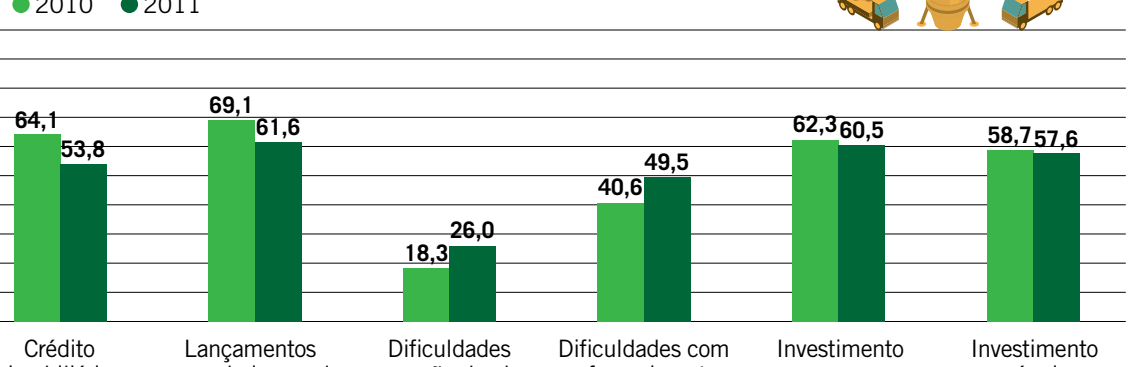
No que diz respeito às perspectivas de desempenho das empresas, o movimento foi semelhante. Os empresários estão menos

EXPECTATIVAS NA CADEIA PRODUTIVA DA CONSTRUÇÃO

		No final de 2010	No final de 2011
Indústria da construção (SindusCon-SP e FGV-Ibre)	**Desempenho das empresas**	Melhor do que no ano anterior	**Positivo, mas abaixo do ano anterior**
	Expectativas de desempenho para os próximos meses	Otimistas, mas abaixo do observado em 2009	**Otimistas, mas abaixo do observado em 2010**
	Expectativas para a evolução dos custos e inflação	Pessimistas	**Menos pessimista em relação a custos setoriais**
	Expectativas para o crescimento do país	Otimistas	**Entra no campo pessimista**
Industria de materiais (FGV-Ibre)	**Nível de utilização da capacidade**	Acima da média histórica e do mesmo mês de 2009	**Acima da média histórica, mas abaixo do observado em 2010**
	Nível da demanda interna	Superior ao observado em 2009	**Em elevação, mas abaixo do observado em 2010**
	Expectativa quanto a situação dos negócios para os próximos 6 meses	Superior a do mesmo período de 2009	**Superior a do mesmo período de 2010 e em elevação**
	Índice de confiança	Superior ao observado em 2009	**Inferior ao observado em 2010**
Comércio de materiais (FGV-Ibre)	**Indicador de percepção de demanda**	Positivo	**Desfavorável**
	Principais limitações a melhoria dos negócios	Competição e custos financeiros	**Competição e demanda insuficiente**
	Índice de expectativas	Otimista	**Otimista, mas inferior ao de 2010**
	Índice de confiança	Otimista	**Otimista, mas inferior ao de 2010**
Serviços de engenharia e arquitetura (FGV-Ibre)	**Indicador de percepção da situação atual dos negócios**	Ligeiramente favorável, mas inferior ao mesmo período de 2009	**Favorável e superior ao mesmo período de 2010**
	Principais limitações a melhoria dos negócios	Escassez de mão de obra e competição	**Escassez de mão de obra e competição**
	Índice de expectativas	Favorável, mas inferior ao de 2009	**Favorável, mas inferior ao de 2010**
	Índice de confiança	Favorável, mas inferior ao de 2009	**Positivo e superior ao de 2010**

Sondagem da construção - determinantes do crescimento*

(SindusCon-SP e FGV/IBRE)



* Os dados estão dispostos numa escala que vai de "0" a "100", tendo o valor "50" como centro. Isso quer dizer que valores abaixo de "50" podem ser interpretados como um desempenho, ou perspectiva, não favorável.

otimistas do que no final de 2010. Vale ressaltar menos otimistas, mas não pessimistas. Uma percepção que em menor medida também se estende ao âmbito macroeconômico. Apesar de preocupações crescentes com inflação e crescimento, os empresários da construção permanecem otimistas quanto à condução da política econômica.

João Claudio Robusti, ex-presidente do **SindusCon-SP**, afirma que esse sentimento é fruto de um importante patrimônio de credibilidade de que dispõe o governo. "A política econômica na gestão Dilma tem se mostrado comprometida com o desenvolvimento. Por isso os empresários redobram suas apostas na capacidade do governo de conduzir essa política, mesmo no atual contexto de crise externa. A preocupação com a inflação é compreensível em nosso setor, mas não está afetando de forma negativa a confiança na gestão da política econômica."

Como em todos os anos, a edição de novembro da Sondagem da Construção agregou ao conjunto tradicional de questões feitas aos empresários do setor perguntas relacionadas às perspectivas para o próximo ano. As questões extras, relacionadas às perspectivas para o próximo ano, deixam claro o contraste atual entre a melhoria nas condições de oferta e a cautela quanto ao comportamento futuro da demanda.

Assim, melhoraram as expectativas dos empresários quanto ao fornecimento de materiais e à obtenção de mão de obra qualificada. No caso específico dos materiais, o indicador apurado pela sondagem voltou ao campo otimista (acima de 50) no caso do Estado de São Paulo, um resultado mais positivo que o da média nacional.

No que se refere à obtenção de mão de obra, o sentimento ainda é de grande pessimismo. Mas houve sensível melhora na comparação com novembro de 2010. Ainda no que se refere à oferta, os empresários se mostram confiantes quanto às perspectivas de investimento, tanto em máquinas e equipamentos quanto em novas tecnologias, apesar da queda desses indicadores na comparação anual.

As maiores inquietações com relação ao próximo ano se concentraram do lado da demanda. A queda nos indicadores de expectativas quanto ao crédito imobiliário e a lançamentos para média e baixa renda superou os dois dígitos. No entanto, mais uma vez, é preciso ler esses números com atenção. Os empresários do setor revelaram somente um nível menor de otimismo quanto a essas variáveis. Portanto, a melhor definição para seu sentimento é cautela.

Segundo Sergio Watanabe, presidente do **SindusCon-SP**, "os empresários esperam que, no próximo ano, o governo continue atento às demandas do setor para .sustentar o crescimento; ainda há muito o que fazer, tanto no campo macroeconômico – caso típico dos programas habitacionais – quanto no campo microeconômico – especialmente no que se refere aos estímulos à competitividade das empresas da construção".

"Qualquer que seja o cenário para 2012, a construção civil deve crescer à frente do PIB, contribuindo uma vez mais para sustentar o desenvolvimento."

Sergio Watanabe,
presidente do Sinduscon-SP.

"No caso do Estado de São Paulo, já é possível identificar algum alívio na obtenção de mão de obra qualificada. Em parte, isso se deve a um movimento que, às vezes, não se nota. Com o ritmo de atividade na construção mantido forte por um longo período, a mão de obra está se tornando mais produtiva."

Eduardo Zaidan,
vice-presidente
de economia do SindusCon-SP.

"A capacidade do governo de gerir a política macroeconômica está comprovada. As dificuldades estão sendo enfrentadas no tempo correto. Isso demonstra o compromisso do governo com o desenvolvimento. Não com surtos de crescimento de curto prazo, mas com um horizonte seguro de expansão."

João Claudio Robusti,
ex-presidente do SindusCon-SP.

Cadeia produtiva

As sondagens da **FGV-Ibre**, realizadas com empresários da indústria de transformação, do comércio e de serviços, permitem captar as expectativas nos demais elos da cadeia. É possível perceber que tanto na indústria, como no comércio de materiais, o nível de confiança dos empresários também está abaixo do observado no mesmo período de 2010. No caso da indústria, o nível de utilização da capacidade se mantém acima da média histórica, mas em patamar inferior ao registrado no final de 2010.

De fato, a indústria como um todo perdeu mercado para os produtos importados. Na construção, a penetração dos importados é inferior à média da indústria de transformação, mas tem crescido continuamente desde 2009. No caso do comércio, a queda na confiança está relacionada à desaceleração do consumo das famílias. A redução na taxa de juros dos últimos meses e o aumento do salário mínimo em 2012 podem mudar esse cenário nos próximos meses.

Um importante indicador antecedente da construção é a atividade do segmento de serviços de engenharia e arquitetura, que revela confiança em alta, mas deterioração nas expectativas na comparação com 2010. No entanto vale notar que a disponibilidade de mão de obra continua como um dos principais impedimentos à melhoria dos negócios, o que revela um ritmo de atividade bastante forte.

Enfim, a cadeia produtiva como um todo percebeu a mudança de ritmo na atividade da construção. De modo geral, houve redução na confiança na comparação com 2010, mas mesmo entre os empresários da indústria de materiais, não se pode falar de pessimismo, afinal as expectativa quanto à situação dos negócios para os próximos seis meses está alta e superior ao do mesmo período de 2010.